

UM OLHAR SOBRE AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS: DINÂMICA DE ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Gláucia Regina Silva Santos¹
Glhevysson Santos Barros²

Resumo: Atualmente, quando falamos sobre as cidades contemporâneas é como se falássemos, simultaneamente, sobre as cidades do consumo e das novas tecnologias de informação. As cidades contemporâneas são frutos das transformações ocorridas em curtos espaços de tempo em consequência do avanço tecnológico e do consumo impresso pela efemeridade das relações dos indivíduos para com seus bens de consumo. Logo, o objetivo deste trabalho é discutir como as cidades se organizam a partir dessa nova realidade tecnológica e como lidam com o descarte precoce de materiais. A metodologia foi delineada como revisão de literatura, sendo utilizados livros e artigos científicos para o estudo. Assim, o presente trabalho não tem a pretensão de criticar ou desconsiderar que o progresso das cidades por meio das inovações tecnológicas é importante, mas sim de reforçar a ideia de que se faz necessária uma retomada do orgulho e o do sentimento de pertencimento do indivíduo para com a sua cidade.

Palavras-chave: Cidade- ciborgue. Sociedade líquida. Cidades invisíveis.

A LOOK AT CONTEMPORARY CITIES: DYNAMICS OF ORGANIZATION AND FUNCTIONING

Abstract: Today, when we talk about contemporary cities it is as if we were talking simultaneously on the centers of consumption and new information technologies. Contemporary cities are the result of transformations that took place in short periods of time as a result of technological advances and printed consumption due to the ephemerality of individuals' relations with their consumer goods. Therefore, the objective is to discuss how cities are organized based on this new technological reality and how they deal with the early disposal of materials. The methodology was designed as a literature review, using books and scientific articles for the study. Thus, the present work does not intend to criticize or disregard that the progress of cities through technological innovations is important, but rather to reinforce the idea that a return to pride and the feeling of belonging of the individual is necessary for with your city.

Key words: City-cyborg. Liquid partnership. Invisible cities.

Introdução

Atualmente, quando falamos sobre as cidades contemporâneas é como se estivéssemos falando, simultaneamente, sobre as cidades do consumo e das novas tecnologias de informação. As cidades contemporâneas são o resultado das que passaram pela pós-revolução industrial, ou seja, são frutos das

¹ Mestre e Doutoranda em Humanidades, Culturas e Artes – PPGHCA/ UNIGRANRIO.

² Mestre e Doutorando em Humanidades, Culturas e Artes – PPGHCA/ UNIGRANRIO.

transformações ocorridas nas cidades industriais no início do novo milênio (LEMOS, 2004).

Com o avanço tecnológico, a dinâmica tempo/espaço nas cidades foi modificada de forma contundente. Hoje, as fronteiras, tanto geográficas quanto cronológicas, são praticamente inexistentes. Percebe-se que as delimitações entre os espaços públicos e privados já não são tão delimitadas como as descritas pelo antropólogo Roberto DaMatta (1989). Para ele, a rua é o lugar do anonimato, do impessoal, onde não há espaço para elos mais especializados. A casa, ao contrário, é o lugar da cordialidade, das relações íntimas.

Com as transformações urbanísticas, a sociedade sentiu a necessidade de segurança. Com isso, as inovações tecnológicas tornaram a linha de separação entre o público e o privado cada vez mais tênue. Logo, as cidades passaram, então, ao monitoramento por câmeras, fato responsável pela interseção entre a casa e a rua.

Para Ilana Strozemberg, antropóloga e pesquisadora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),

Com a instalação de câmeras nas ruas, o domínio público está sendo registrado como nunca foi. Esses mecanismos de segurança estabelecem um espaço de maior controle onde havia maior liberdade de trânsito. (STROZEMBERG apud MORETT *et al*, 2007, p. 20)

Dessa forma, a difusão das câmeras pela cidade, transforma o espaço público em privado, expandindo a vigilância e controle. Além da influência da tecnologia na dinâmica diária das cidades, as relações interpessoais e também dos indivíduos para com seus bens adquiridos também passam por transformações, apresentam-se cada vez mais efêmeras.

Essas modificações que remodelam a sociedade contemporânea foram denominadas por Zygmunt Bauman (2001) de “modernidade líquida”, conceito que será abordado no decorrer deste manuscrito.

O presente trabalho tem como objetivo lançar um olhar sobre as cidades contemporâneas e discutir como elas se organizam a partir dessa nova

realidade tecnológica e como lidam com a efemeridade que faz com que o consumo seja exacerbado, gerando o descarte, muitas vezes, precoce dos objetos. Para tanto, trataremos alguns conceitos como “cidade- ciborgue”, “modernidade líquida” e “cidades invisíveis”, realizando uma revisão de literatura com base em artigos científicos e livros, que se mostraram indispensáveis para referenciar o presente trabalho.

A cidade ciborgue

O termo ciborgue surgiu nos anos 60 e está diretamente relacionado às novas tecnologias da informação. A palavra traduz a associação etimológica do adjetivo cibernético e do substantivo organismo, ou seja, a cidade ciborgue é um organismo vivo que se movimenta por meio de suas redes tecnológicas.

Segundo Lemos (2004), as cidades- ciborgues podem ser consideradas cidades da informação, cidades transacionais, centros de troca de informações. Essas cidades chegaram nesse estágio porque passaram por grandes transformações e foram preenchidas por fibras ópticas, aparelhos sem fio, redes de comunicação via satélite, entre outros aparatos técnicos. Essa mudança transformou as cidades, antes dominadas por uma sociedade industrial e de manufatura, em cidades tecnológicas.

Para o teórico, a cidade- ciborgue é a cidade mundial na qual as tecnologias na cibercultura estariam reorganizando a distribuição do trabalho, dos serviços e das atividades de manufaturas e lazer. Segundo essa visão, surge uma descentralização das atividades. Essa descentralização seria explicitada pela dispersão das indústrias, a redução do contato interpessoal e a diminuição das jornadas diárias em direção ao local de trabalho. Todos esses fenômenos diminuiriam os problemas da cidade física, mas como observam Graham e Marvin (1996), esses efeitos não são observados nas cidades- ciborgues.

Lemos (2004) ainda afirma que:

As mudanças geradas pelo impacto das tecnologias são inevitáveis e que todo o tempo estamos vivenciando essas

transformações em direção a um processo de desmaterialização. Essa desmaterialização estaria reconfigurando a sociedade, envolvendo e entrelaçando os seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Cidades-ciborgues encaixam-se bem no que alguns autores denominam “desmaterialização da sociedade” (LEMOS, 2004, p. 137).

Sobre as cidades- ciborgues, Haraway, Kunzru e Tadeu (2009) afirmam que, quando nos referimos a elas, estamos falando seriamente de formas novas de subjetividade e sobre mundos em mutação que nunca existiram no planeta, não se tratando apenas de ideias, mas sim de uma novas formas de organização social. Em entrevista com a filósofa, Kunzru nos lembra de que:

[...] ela não está falando de algum suposto futuro ou de um lugar tecnologicamente avançado, mas, isolado do presente. A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. [...] Se isto soa complicado, é porque é. O mundo de Haraway é um mundo de redes entrelaçadas - redes que são em parte humanas, em parte máquinas; complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como "natural" e "artificial" para a lata do lixo. Essas redes híbridas são os ciborgues e eles não se limitam a estar à nossa volta - eles nos incorporam. Uma linha automatizada de produção em uma fábrica, uma rede de computadores em um escritório, os dançarinos em um clube, luzes, sistemas de som - todos são construções ciborguianas de pessoas e máquinas. As redes também estão dentro de nós. Nossos corpos, nutridos pelos produtos da grande indústria de produção de alimentos, mantidos em forma sadia - ou doentia - pelas drogas farmacêuticas e alterados pelos procedimentos médicos, não são tão naturais quanto a empresa Body Shop quer nos fazer crer. A verdade é que estamos construindo a nós próprios, exatamente da mesma forma que construímos circuitos integrados ou sistemas políticos - e isso traz algumas responsabilidades (HARAWAY; KUNZRU; TADEU, 2009, p. 23-24).

Segundo Souza e Catalão (2016), as cidades- ciborgues ao mesmo tempo que indicam transformações e avanços tecnológicos, indicam certos problemas resultantes de uma série de desarmonias na hibridação socionatural, notadamente quando consideramos as questões de exclusão social que se inscrevem no espaço das cidades por meio de mecanismos político-econômicos responsáveis pelo surgimento de áreas periféricas com condições de habitação precárias e maior fragilização dos moradores diante das intempéries.

O caráter de “urbanização- ciborgue”, segundo Swyngedouw (2001) e a emergência de outra forma de enfoque sobre as relações de fusão sociedade-natureza, propõe a noção de socrionatureza, ou seja, o reconhecimento de duas esferas que não existem separadamente, mas, isto sim, como um processo inacabado de hibridação entre o conhecimento, idealização, produção, técnicas e realizações humanas mais os fenômenos naturais.

As cidades- ciborgues, como todo espaço geográfico que passa por um processo de transformação produzido pela sociedade, é dotada de contradições. Apesar dessas cidades serem estruturadas por aparelhos tecnológicos que facilitam as relações, tanto comerciais quanto interpessoais, elas produzem também um processo de exclusão social dos indivíduos que não possuem poder aquisitivo para se inserirem nesse contexto.

Os problemas ditos urbanos, segundo Porto Gonçalves (1984), estariam, na verdade, relacionados ao modo como se expressam, na cidade, as contradições da sociedade capitalista, caracterizada por grandes desigualdades socioeconômicas. O autor reflete os problemas urbanos oriundos de processos em que lógicas de planejamento priorizam as relações que beneficiam o capital monopolista.

A sociedade em que vivemos está fundada na produção de mercadorias. Nela todos são proprietários de mercadorias, inclusive os trabalhadores, que vendem a sua capacidade de trabalho em troca de um salário. A capacidade de cada um para usar os bens disponíveis na cidade, é claro, tem uma relação com a disponibilidade monetária. Para que isso ocorra, torna-se necessário que o proprietário de sua força de trabalho não tenha condições de usá-la para si próprio. Para fazê-lo teria que dispor de condições e meios de produção (terra, instrumentos de trabalho). Como não dispõe desses meios, só lhe resta a alternativa de vender a sua capacidade de trabalho a outrem (que dispõe desses meios), que é quem vai determinar o seu uso. [...] Se observarmos bem, a cidade é um meio ambiente geográfico que serve de suporte a esse tipo de sociedade. Nela não se pode obter diretamente o necessário, mas através da moeda. Não é à toa que o mundo se urbaniza com o advento do capitalismo. Não é à toa, também, que o próprio espaço urbano se diferencia em função da disponibilidade monetária dos seus habitantes. A segregação social se manifesta no espaço urbano (PORTO-GONÇALVES, 1984, p. 66).

Um diálogo entre as cidades de Calvino e Bauman

A obra de Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, apresenta o relato de um viajante veneziano, Marco Polo, ao imperador Kublai Khan, em meados do século XII, sobre as cinquenta e cinco cidades de seu império mongol. Essa narrativa se apresenta de maneira fantástica, pela qual o imperador tenta enxergar através dos relatos de Marco Polo as especificidades dessas cidades para conhecer um pouco mais de seu território conquistado e transformá-lo num império perfeito.

Essas cidades são apresentadas através do relato oral sobre cinquenta e cinco cidades, divididas em onze grupos de cinco cidades que possuem nomes de mulher tais como: Anastácia, Tamara, Zora, Despina etc. Esses onze grupos de cinco cidades recebem uma adjetivação comum do tipo: “as cidades e a memória”, “as cidades ocultas” etc. A ligação entre as cinco cidades de cada grupo é tênue, feita através de características comuns. Mesmo assim, para cada um dos onze grupos de cidades espalhadas pelo livro há uma questão central que liga e permeia a descrição das cidades de cada grupo, e há, ao mesmo tempo, uma senda individual para cada cidade, que é a forma como ela lida com aquela questão.

Os onze grupos, segundo Monteiro (2009), se organizam da seguinte forma:

1. As cidades e o nome: identidade e sentido de lugar;
2. As cidades e a memória: a presença do sítio e a influência do passado;
3. As cidades e o desejo: a motivação inconsciente e a ação sobre a memória;
4. As cidades e os símbolos: a linguagem da subconsciência coletiva e a imagem da cidade;
5. As cidades delgadas: a busca pelo desprender da terra, a negação da imobilidade;
6. As cidades e as trocas: as relações entre os habitantes;
7. As cidades e os olhos: a visão individual e os engodos;
8. As cidades e os mortos: engessamento, ciclo, fim de ciclo;
9. As cidades ocultas: a natureza humana e sua dualidade;
10. As cidades contínuas: antropofagia, destruição do meio;
11. As Cidades e o Céu: o ideal de perfeição e o cosmos .

Para este trabalho, no entanto, analisaremos uma das narrativas apresentadas por Marco Polo, “As cidades contínuas”, em especial, a cidade de Leônia, que representa a primeira cidade desse grupo a ser descrita. Leônia pode ser caracterizada como antropofágica, um meio onde acontece a destruição do próprio meio através da dinâmica de vida de seus habitantes.

O relato sobre Leônia foi escolhido devido à identificação dessa cidade, ou melhor dizendo, dessas cidades contínuas com as cidades pós- modernas descritas por Zygmunt Bauman. Sua caracterização expõe suas mazelas e apresenta a humanidade como um grande tumor que assola e destrói seu próprio meio com o seu consumo exacerbado. Assim como as cidades contínuas de Calvino, as pós- modernas de Bauman também trazem à tona a problematização da relação da humanidade com o consumo e o que se fazer com o lixo gerado por esse consumo. É nessa perspectiva que um diálogo entre “as cidades invisíveis” e “as pós-modernas” será estabelecido.

Na modernidade líquida, aprender com a experiência a fim de se basear em estratégias e movimentos táticos empregados com sucesso no passado é pouco recomendável (BAUMAN, 2001). A homogeneidade do mundo não é imprescindível, os indivíduos se tornam indivíduos por seus próprios meios. O consumo na sociedade líquido- moderna é o que há de muito importante, constituindo nessa sociedade a principal forma de construção da individualidade, pois “a sobrevivência dessa sociedade e o bem-estar de seus membros dependem da rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos” (BAUMAN, 2001, p. 32).

Assim como nas cidades pós- modernas, em Leônia, a opulência se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas (CALVINO, 1990), também na sociedade pós- moderna, o lixo, na concepção de Bauman (2001) é o principal e mais abundante produto de consumo. Entre as indústrias da sociedade de consumo, a de produção de lixo é a mais sólida e imune a crises, o que se pode observar tanto na cidade invisível quanto na cidade pós-moderna.

Em Leônia, por exemplo, os lixeiros são acolhidos como anjos, a coleta do lixo, realizada por eles todos os dias, é envolta de um respeito, pois retirar os restos do dia anterior se dá como um rito, já que os habitantes dessa cidade não querem mais vê ou pensar no consumo do dia anterior.

Logo, a grande questão da vida numa sociedade líquida ou numa cidade do grupo das contínuas, ao qual pertence Leônia, é o que se faz com esse lixo e ao mesmo tempo a preocupação do indivíduo que vive nessas sociedades de ser jogado no lixo, pois assim como os produtos, as relações interpessoais também são efêmeras, vive-se na fronteira tênue dos prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo, “na sociedade de consumo, ninguém pode deixar de ser um objeto de consumo” (BAUMAN, 2001). O autor ainda relata que:

[...] globalização da produção de lixo humano, ou, para ser mais preciso, “pessoas rejeitadas”- pessoas não mais necessárias ao perfeito funcionamento do ciclo econômico e portanto de acomodação impossível numa estrutura social compatível com a economia capitalista (BAUMAN, 2005, p.46)

Encontramos nessa concepção de Bauman mais um ponto de congruência com a cidade contínua de Calvino, pois a relação dos habitantes de Leônia com os bens de consumo tem o seguinte resultado:

[...] quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula; as escamas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar; renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente em sua única forma definitiva: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros (CALVINO, 1990, p.106).

Dessa forma, é comum nas narrativas que se referem a essas cidades a ideia de que a velocidade se sobrepõe à duração de um produto, nessas sociedades é essencial que os objetos não perdurem e que seus cidadãos não se apeguem ou criem raízes para que o novo seja adquirido, ainda que sem uma necessidade real, sem grandes resistências ou dificuldades.

Considerações Finais

Através das caracterizações realizadas pelos autores abordados pelo presente estudo para agrupar suas cidades, percebemos que tanto as ciborgues, as contínuas de Calvino, quanto as pós-modernas de Bauman são marcadas pela inconstância, pela ausência e/ou impossibilidade de uma forma de vida social, pela incerteza e a não prorrogação de hábitos e rotinas, essas sociedades apresentam como objetivo o aumento do desejo pelo consumo.

Quando Leônia é apresentada como a cidade que refaz a si própria todos os dias através dos lençóis frescos, sabonetes recém- tirados das embalagens, a população que veste roupões novíssimos e escuta as últimas lenga- lengas do último modelo de rádio, ratifica- se a intenção do autor de enfatizar a relação da população dessa cidade com os bens de consumo. Os adjetivos “novíssimos”, “recém – tirados”, “últimas” ratificam essa relação efêmera.

As cidades analisadas no presente texto, embora pertencentes a realidades diferentes, apontam para uma mesma problemática: a falta de solidez e durabilidade que assola as sociedades das grandes metrópoles na contemporaneidade. Constrói- se, dessa forma, um ciclo vicioso com relação à eliminação dos resíduos, numa dicotomia de infinitos começos e finais contínuos.

Essa realidade que se apresenta tanto nas cidades- ciborgues, nas invisíveis ou nas pós- modernas, prejudicam de forma significativa a relação dos indivíduos para com esses espaços. Nas ciborgues, a tecnologia se apresenta como uma armadilha perigosa. Embora todos os facilitadores trazidos por ela otimizem o tempo e o espaço, paradoxalmente, afasta os sujeitos dos seus lugares. Vale ressaltar que o conceito de lugar aqui utilizado é o definido por Tuan (1983), ou seja, espaço com o qual os indivíduos têm vínculos afetivos e subjetivos que se opõem aos racionais e objetivos. Já na cidade Leônia, retratada por Calvino (1990), assim como na sociedade líquida de Bauman (2001), o consumo exarcebado, dado à efemeridade das coisas, faz com que os seus próprios habitantes destruam o meio no qual vivem.

Logo, o presente trabalho não tem a pretensão de criticar ou desconsiderar que o progresso das cidades por meio das inovações tecnológicas é importante, mas sim de reforçar a ideia de que se faz necessária uma retomada do orgulho e do sentimento de pertencimento do indivíduo para com a sua cidade. Atentar para que não aconteça um esvaziamento em termos de ideais e identidade de uma determinada sociedade, de um povo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar. Ed., 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

_____. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GRAHAM, Stephen; MARVIN, Simon. **Telecomunicações e a cidade** : espaços eletrônicos, lugares urbanos. Londres: Psychology Press, 1996.

HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LE MOS, André. Cidade- ciborgue: a cidade na cibercultura. **Galáxia**, n. 8, p. 129-148, 2004.

MATTA, Roberto Da. **O que faz o Brasil, Brasil**. 9 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MONTEIRO, Evandro Zigiatti. Cidades Invisíveis Visitadas. Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. **Resenhas online**, n. 85, v. 2, 2009. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline>. Acesso em 20 out. de 2019.

MORETT, Ana Carolina; PARANHOS, Joana; COELHO, Thaisa; ASSIS, Uyara. **Entre a Casa e a rua**: privatização e controle do espaço público. Rio de Janeiro: Estética, 2007

PORTO GONÇALVES, Walter Carlos. Paixão da terra. **Ensaio crítico sobre ecologia e geografia**. Rio de Janeiro: Rocco: Pesquisadores Associados em Ciências Sociais-SOCII, 1984.

SOUZA Reginaldo José de; CATALÃO, Igor. Da "cidade-cyborg" à "atmosfera-cyborg": contribuições à análise do espaço e do clima urbanos. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 199-213, 2016.

SWYNGEDOUW, E. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e "urbanização-cyborg". In: ACSELRAD, H. **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: D, P & A, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 1983.